

Trisha Ashley

NOITE DE REIS

Tradução
Eugénia Antunes

*Quinta Essência**

Para as minhas grandes amigas e colegas do 500 Club,
Leah Fleming e Elizabeth Gill, com amor.

PRÓLOGO

O Fantasma do Natal Passado

Embora o mês de dezembro ainda mal tivesse entrado, a enfermaria fora enfeitada com uma minúscula árvore e decorações de plástico nas paredes, que representavam um gorducho Pai Natal com bochechas rechonchudas e encarnadas e olhos escuros e amendoados. Oferecia o que parecia ser uma barra de dinamite a *Rudolfo*, uma rena de nariz bem vermelho, mas certamente só com uma energia explosiva é que se conseguem entregar quantidades gigantescas de presentes numa só noite.

Ao longo dos últimos anos, a minha tática de defesa tem sido ignorar o Natal, fechando a porta a memórias demasiado dolorosas para enfrentar. Contudo, agora, depois de dia após dia sentada à cabeceira da cama na qual a minha avó definhou como a neve no verão, parecia não haver escapatória.

A avó, que me criou desde pequena, não teria aprovado todo este aparato festivo. Não só nascera uma batista estranha, como também casara com um pastor daquela ramificação particularmente austera – e agora quase extinta – da fé batista. Não celebravam o Natal da mesma forma que todas as restantes pessoas – com presentes, gula e excesso, por isso, em criança, sempre invejei secretamente os meus colegas de escola.

Mas depois casei-me e levei a coisa ao extremo. O Alan encorajava-me – nunca perdeu o contacto com a criança dentro dele, razão pela qual, talvez, sempre foi um excelente professor

primário. Seja como for, adorava a quadra: com excesso, gula e tudo o resto.

Assim, eu fazia biscoitos de gengibre em forma de estrela para pendurar na árvore, sempre a maior que conseguíamos arrastar para casa desde o horto mais próximo, em conjunto com bengalas de rebuçado às riscas encarnadas e brancas, minúsculos *crackers* de folha de alumínio e muitas luzinhas coloridas. Em conjunto, construímos quilómetros de festões de papel para decorar os tetos, pendurámos azevinho – embora nunca precisássemos de desculpas para nos beijarmos – e enchíamos as meias de cada um com surpresas invulgares.

Depois do primeiro ano, decidimos renunciar a um tradicional e completo jantar natalício com peru e respetivos acompanhamentos a favor de pato assado com molho de ginjas caseiro, que se tornaria o meu prato característico. Na altura eu era *sous-chef* num restaurante local. Fizemos as nossas próprias tradições, misturando o antigo com o novo, como suponho que a maioria das famílias fará...

E éramos quase, quase uma família: preparávamo-nos para nos mudarmos para um minúsculo lugarejo às portas de Manchester, um cenário campestre ideal para as duas crianças – talvez três, se o Alan conseguisse levar a dele avante – que chegariam a intervalos regulares...

Nesta altura do meu devaneio, um carrinho matraqueou bruscamente algures do outro lado das cortinas floridas que rodeavam a cama, sacudindo-me de volta para o presente: conseguia até escutar uma ténue e fugaz reprodução da canção natalícia «The Twelve Days of Christmas», que parecia perpassar das paredes como um miasma típico da quadra.

Talvez a avó conseguisse também, pois, de repente, os seus penetrantes olhos cinzento-claros, tão parecidos com os meus, esbugalharam-se com uma expressão de assombro que nada tinha que ver com a minha presença ou com a tigela de *custard* caseiro que eu trouxera para lhe abrir o apetite, a crosta

salpicada de noz-moscada queimada da forma que ela gostava.

– Ned? Ned Martland? – sussurrou a minha avó, contemplando alguém que apenas ela conseguia ver.

Nunca antes a vira tão animada e cheia de vida como naquele momento, o que era irónico, tendo em conta que aquelas foram as suas últimas palavras e, só por si, um pouco enigmáticas, uma vez que o meu avô se chamara Joseph Bowman!

Então, quem diabo era Ned Martland? Se é que o nome que a minha avó sussurrara era Martland, claro, e não Cartland, Hartland, ou algo parecido. Mas não, tinha quase a certeza que era Martland – e era óbvio que essa pessoa significara muito para ela em determinada altura. Assombroso: seria possível que a minha avó, uma mulher austera, séria e profundamente reservada, que, mais do que fechada e retraída, fora uma autêntica ostra, tivesse todos aqueles anos guardado um segredo amoroso? Teria vivido a vida dela sem o homem que verdadeiramente amava a seu lado, tal como eu vivia a minha?

Talvez fosse uma maldição familiar, o que explicaria o motivo por que, depois da morte de Alan, ela não parara de falar sobre os pecados dos pais serem pagos pelas gerações seguintes, embora, na verdade, como lhe fiz ver, tal se tivesse repercutido em mim e não no meu marido. Porém, se a família está assombrada por uma maldição, eu diria que esta parece condenada a terminar comigo, pois sou eu o fim da linha, já ultrapassei os trinta e cinco anos e o meu fruto corre perigo iminente de mirrar na videira.

Ultimamente tenho tido demasiado tempo para pensar também nisto.

Não faço ideia de quais foram as últimas palavras de Alan, se é que algumas pronunciou, pois estava ainda a dormir quando ele saiu para a sua habitual corrida matutina pelo parque local

antes de ir para o trabalho. Quando acordei e desci à cozinha, não havia sinal dele e tudo parecia lançar mau agouro. O rádio espalhava uma inane canção de Natal *pop* pela cozinha e a pasta dele, com o habitual fardo de cadernos de exercícios corrigidos, estava no chão junto à porta. Uma tigela e um prato sujos e um Tupperware com sanduíches encontravam-se em cima da mesa e a chaleira estava quase fria.

Estava ainda no meio da cozinha, confusa e começando a sentir as primeiras pontadas de mal-estar e desassossego quando a polícia chegou para me dar a notícia de que houvera um acidente e que Alan não regressaria a casa.

– Que disparate – escutei a minha voz dizer-lhes num tom áspero –, eu vou fazer pato com molho caseiro de ginjas para a ceia de Natal e é o prato preferido dele.

Então, pela primeira e única vez na minha vida, desmaiei.

O Alan tentara salvar um cão que caíra no gelo que o lago do parque criava no inverno. É estúpido ou não é? Quero dizer, se o peso de um cão é o suficiente para partir o gelo, então, até um homem ligeiramente bem constituído como o Alan partiria o gelo. O cão não era evidentemente um *retriever*, pois nadou pelo meio da fenda no gelo provocada pela queda de Alan, trepou para a borda e escapuliu-se dali.

Fiquei tão furiosa com o Alan que no funeral lancei literalmente a rosa encarnada que alguém me enfiara nas mãos para dentro da sepultura, gritando: «Onde tinhas a cabeça, parvalhão?»

E depois escorreguei na beira nevada da cova e quase segui o mesmo caminho da rosa, embora tal se tenha devido inteiramente ao copo de brande que a minha amiga Laura, e também irmã do Alan, insistira que ambas bebêssemos antes de sairmos para o funeral. Por sorte, o marido dela, Dan, estava do meu outro lado e puxou-me no último minuto e depois a avó con-

tornou a sepultura desde onde se encontrava mais um grupo de amigos da sua congregação batista e agarrou-me com força pelo outro braço, como uma carcereira.

Porém, por essa altura, já eu me transformara num balão desinflado: a dor, a raiva e a culpa – porque me recusara a dedicar à corrida com ele – pareciam unir-se de forma tão perfeita que não sabia onde uma terminava e outra começava.

Alan deixara-me sozinha, fechando a porta ao futuro que havíamos planeado ao pormenor. Como fora capaz? Sempre achara que éramos *yin* e *yang*, duas metades da mesma laranja, almas gémeas destinadas a ficar juntas para toda a eternidade – se assim era, teria umas quantas e boas para lhe dizer quando por fim nos voltássemos a reunir.

A minha estratégia para lidar com a morte dele fora fechar-lhe a porta a ele em troca, dando apenas livre curso à minha dor no aniversário da morte dele nos finais de dezembro e escudando-me de todas as lembranças das felizes quadras festivas que ele me ensinara a amar durante os breves anos do nosso casamento.

Havia então ainda menos razões para celebrar o Natal... Natal? Tudo não passava de um embuste!

Capítulo 1

Pausa Fecunda

Uma vez que o declínio da avó já vinha a acentuar-se desde há alguns anos, a morte dela não constituiu para mim um grande choque, para ser sincera. E ainda bem, pois o meu trabalho obrigou-me a partir à pressa para tomar conta de uma casa logo a seguir ao austero funeral do estranho ramo batista a que ela pertencia. No entanto, encontrar os diários dela na pequena arca de estanho na qual guardava os seus tesouros mesmo antes de partir constituiu um momento muito pungente...

Quando trancara a porta da sua estreita casa em Merchester – não que houvesse no interior dela alguma coisa que valesse a pena roubar – levava a arca comigo para casa: a chave estava no chaveiro dela com as restantes. Tinha já ideia do que continha de alguns vislumbres que captara ao longo dos anos – postais de Blackpool, onde os meus avós passavam todos os anos a semana de férias de verão, as minhas fotografias escolares anuais, certificados e esse tipo de coisas. Camadas de recordações que iam recuando no tempo.

Apenas a abrira com a intenção de lhe adicionar a estreita aliança de casamento da avó, mas depois acabei por levantar algumas das camadas de papéis para ver o que havia por baixo e, mesmo no fundo, estava um magro maço de pequenos cadernos baratos, do género dos que se usavam na escola, marcados «Esther Rowan», e unidos por elásticos velhos. Abri o primeiro

e deparei-me com uma espécie de diário intermitente acerca das experiências dela enquanto enfermeira por volta do final da guerra, uma vez que a primeira entrada estava datada de outubro de 1944, embora começasse por olhar para experiências do passado:

Começara a trabalhar como auxiliar de enfermagem aos quinze anos, o que fez com que, quando a guerra rebentou, pelo menos não fosse enviada para fazer um trabalho árduo e sujo na fábrica de munições como muitas das raparigas de Merchester.

Pensei em como começavam a trabalhar cedo naquela altura, e, ao avançar para a entrada seguinte, apercebi-me do quanto ela era estoica:

Tom, o meu namorado de infância, alistou-se na marinha logo de seguida, muito embora lhe tenha suplicado que esperasse até ser recrutado. Como seria de esperar, foi morto quase imediatamente para grande pesar meu e do seu pobre pai viúvo. Depois disto, decidi colocar de lado todas as minhas pueris ambições acerca do amor e do casamento e entregar-me às minhas tarefas como enfermeira...

Aquela última linha impressionou-me por se assemelhar bastante à forma como eu mudara de casa e me entregara a um novo emprego logo a seguir à morte de Alan. Só que, de alguma forma, no meu caso a decisão não parecia estoica, mas mais uma negação dos maravilhosos anos que havíamos passado juntos.

Sabia que a avó acabara por casar com o pai do seu namorado de infância – ela dissera-me certa vez que ambos haviam sentido que podiam ser um consolo e um apoio um para o outro –, portanto, onde entrava este tal Ned Martland nesta história

toda era um mistério! Começava por isso a pensar que talvez as últimas palavras da avó fossem mais do que um truque da minha mente...

Ela parecia ter enchido as páginas que se seguiam com um moralizante minissermão sobre os males da guerra, por isso voltei a guardar os diários na arca, planeando lê-los no meu regresso.

Passei uma semana em Devon, a tomar conta de uma *cottage* de um dos meus clientes regulares, de dois periquitos chamados *Marilyn* e *Monroe*, do *Yoda*, o *yorkshire terrier* e de seis galináceos sem nome.

Foi muito tranquilizador e concedeu-me espaço e tempo para clarificar muitas coisas na minha cabeça – e também para tomar uma grande e potencialmente radical decisão – antes de regressar a casa preparada para despejar a casa da avó, que pertencia a uma organização de caridade gerida pela igreja. Haviam começado a pressionar-me para a esvaziar e entregar a chave, por isso presumo que tinham uma enorme lista de espera de viúvas de clérigos sem abrigo e desesperadas.

Dispunha de uma semana livre até ao meu próximo trabalho para a Homebodies, período que considerei mais do que suficiente. E estava coberta de razão, pois tinha quase terminado e ansiava escapar para a remota casa nas Highlands que me ocuparia ditosamente durante o Natal e o Ano Novo, quando, de repente, o trabalho foi cancelado.

Ellen, a antiga amiga de escola – ou assim ela se autodenomina, a Laura e eu recordamos as coisas de uma forma um pouco diferente – que gere a agência Homebodies, tentou ao invés disso convencer-me a cozinhar para uma festa de Natal, mas fê-lo pouco esperançosa de uma resposta positiva.

– Não sei porque carga de água se deu sequer ao trabalho de me perguntar – comentei com Laura, que aparecera para

me ajudar a escolher e organizar o resto dos pertences da avó. Bom, digo ajudar, mas uma vez que ela estava extremamente grávida do quarto filho, em grande medida o que fez foi chá e falar pelos cotovelos. É loura, bonita e pequenina – o meu exato oposto – e carregava o bebé numa pequena e bonita protuberância sob um comprido e coleante *top* tipo túnica do mesmo tom de azul dos olhos dela.

– Porque és uma excelente cozinheira, emprego que paga bem melhor do que isso de ser *babysitter* de casas – respondeu ela, colocando duas canecas de chá acabado de fazer em cima da mesa de café. – Para além disso, tem o teto de um *bulldozer*.

– Mas ela sabe que eu necessito de uma pausa da cozinha no inverno e que o Natal não é a minha cena. Gosto de partir para um local remoto onde ninguém me conheça e fazer de conta que não está a acontecer.

Laura afundou-se a meu lado no sofá horrivelmente desconfortável da avó.

– Provavelmente, estava à espera que já tivesses esquecido um pouco e mudado de ideias. Já estás viúva há tanto tempo quanto foste casada. Todos sentimos terrivelmente a falta do Alan, em especial durante esta época do ano – acrescentou ela num tom gentil. – Ele era o melhor irmão que alguém pode ter, mas de certeza que não queria ver-nos tristes para sempre, Holly.

– Eu sei e tu não podes dizer que eu não tenha apanhado os cacos e seguido com a minha vida – argumentei, muito embora não tenha acrescentado que, mesmo ao fim de oito anos, a dor continuava ainda misturada, mais ou menos em partes iguais, com a raiva. – Porém, o Natal e o aniversário do acidente traz sempre muita coisa de volta e eu prefiro passá-lo calmamente sozinha.

– Suponho também que a Ellen se esqueceu de que não foste criada a celebrar o Natal da mesma forma que todas as restantes pessoas.

Laura e eu conhecemo-nos desde o infantário, por isso ela compreende a minha educação ligeiramente estranha, porém, a Ellen apenas entrou em cena mais tarde, na primária, e, embora agora o negue, dava-se com o grupo de raparigas que me arreliaava e perseguia por causa da minha altura.

– Não, os batistas estranhos acreditam que os ornamentos e decorações da época constituem manifestações pagãs da queda do Homem; muito embora a avó tocasse hinos natalícios no harmónio como ninguém.

Laura olhou para o espaço onde o instrumento sempre estivera, encostado ao papel de parede texturado com magnólias.

– Não sei como conseguiste enfiar o harmónio na tua minúscula casa. Aposto que pesava uma tonelada apesar de não ser muito grande.

– Podes crer, mas não queria mesmo desfazer-me dele. Era a menina dos olhos da minha avó. As únicas ocasiões em que parecia feliz eram quando o tocava. Coube *à justa* no vão por baixo das escadas.

Tirando isso não guardara muito mais coisas: o edredão de cetim rosa que cobrira a minha estreita cama em criança e dois austeros marcadores em ponto cruz bordados pela minha bisavó. Um dizia: «Estranhos são os caminhos do Senhor» e o outro «Para que possa realizar a Sua obra, uma obra extraordinária». E pouco mais.

O que restou foi uma coleção heterogénea de móveis de má qualidade, tachos e painéis velhos de esmalte e alumínio, que iriam ser recolhidos por uma firma que comprava recheios de casas.

A casa estava imaculada, à exceção de um pouco de pó, e a avó nunca acumulara tralha, portanto, não tive muito trabalho. As roupas dela tinham já sido encaixotadas e recolhidas por uma organização de caridade local e o que faltava agora enfiar no meu carro era uma caixa de cartão com papelada doméstica cuidadosamente arquivada.